

PMDB e PFL se reúnem para discutir rumos

Chico Mendonça

BRASÍLIA — Pela primeira vez desde que foi rompida a Aliança Democrática, no segundo semestre de 1987, líderes do PMDB e do PFL no Congresso Nacional voltaram a se reunir com o presidente José Sarney para discutir os rumos da economia e as alternativas que existem para salvar o processo de transição democrática e, conseqüentemente, a posse do novo presidente da República em março de 1990. Não se tratava de uma tentativa de reeditar a aliança entre os dois partidos, mas de iniciar conversas para que as duas maiores bancadas do Congresso (que formam maioria absoluta) dêem sustentação às medidas que a

equipe econômica do governo desenha para evitar o risco de uma explosão inflacionária.

Participaram do encontro os líderes do PMDB na Câmara e no Senado, deputado Ibsen Pinheiro e senador Ronan Tito, os líderes do PFL nas duas casas, deputado José Lourenço e senador Marcondes Gadelha, o líder do governo na Câmara, deputado Luís Roberto Ponte, os presidentes da Câmara, Paes de Andrade, e do Senado, Nelson Carneiro, além dos ministros da Fazenda, Mailson da Nóbrega, do Planejamento, João Batista de Abreu, do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, e do SNI, Ivan de Souza Mendes.

Sem comentários — Nenhum dos parlamentares quis comentar abertamente a reunião e indicaram o senador Nelson Carneiro porta-voz do grupo. Parte da reunião foi secreta, explicou Luis Roberto Ponte. “Não comento porque se trata de um segredo de Estado”, disse José Lourenço. A única medida anunciada foi o envio breve ao Congresso de medida provi-

sória reindexando plenamente a economia, com base na BTN fiscal. O senador Marcondes Gadelha deixou escapar que medidas seriam feitas na área tributária, mas desculpou-se por não adiantar quais seriam, alegando que havia esquecido. Também o senador Ronan Tito não se lembrou da iniciativa. Garantiu, porém, que ele e sua bancada aprovarão a reindexação da economia.

Esta primeira reunião — outras deverão acontecer — teve como objetivo, iniciar um esforço para reverter a expectativa de que o país está à porta da hiperinflação, revelou Ponte. O primeiro sinal para os agentes econômicos seria exatamente a demonstração de que não há um clima de confronto entre Executivo e Legislativo.

Estado vai mal — O ministro Mailson da Nóbrega no início da reunião fez uma exposição da situação do país para afirmar que não se repetirá aqui o que acontece na Argentina. Estruturalmente, a economia vai bem, disse o ministro, salientando que a iniciativa privada nacional é saudável,

tem poupança e é ágil. O que vai mal é o Estado, tendo na crise fiscal o foco principal dos problemas. “A dívida interna de curtíssimo prazo, que tem que ser rolada diariamente, provoca a falta de confiança dos agentes econômicos”, destacou um dos participantes, repetindo as palavras de Mailson. Medidas virão para combater este foco de descontrole, disse.

A preocupação imediata do governo é a inflação de junho. “Quando sair o índice, a pressão causada pelas expectativas negativas será ruim. O importante é que revertamos este quadro já”, disse um dos participantes. Para chegar a este fim, o governo tomará medidas para manter a inflação em patamar suportável e sob controle, mesmo que ela suba a curto prazo. Ao próximo presidente ficará a responsabilidade das ações de impacto. Da parte do Congresso, o presidente disse esperar que haja colaboração e um relacionamento sem grandes tensões. À tarde, em entrevista Ronan Tito afirmou que não há conflito entre os dois poderes.